



BIBLIOTECA
DE
GABRIEL PEREIRA BORGES FORTES

DIARIO DE PORTO ALEGRE

SABADO 4 DE AGO. DO DE 1827. S. DOMINGOS.

Continuação d'Analyse Refutatorio, e Critica, inserida em o Diario N.º 37 de Sexta feira 20 de Julho do corrente anno.

Porem vamos ao ponto e essencia do argumento: O Brasil nunca quiz huma liberdade illimitada como diz o Auctor, nem allegou como texto d' auctoridade aos Systemas de Governos das Potencias estrangeiras: logo qual foi a cauza de aborstar-se essa declamacao extemporanea? Foi só para ter lugar de empregar figuras rhetoricas, e mostrar os cabedoes da sua eloquencia oratoria? Com effeito deslumbrou a fama dos Isocrates, dos Themistocles e dos Nestors; mas com tudo isso, só por grande penitencia se pôde ouvir. Porem seria necessario para isso affrentar a massa geral de hum povo, com o epitheto de bruto-desfargado debaixo da escuridade de hum euphemismo, e reprovar-lhe o mais sagrado dos seus direitos? Já cavio algum dia o povo do Brasil gritar por huma liberdade illimitada? Elle só quer, e só lhe convem huma liberdade moderada: porque deseja prosperar, e não arruinar-se: quer manter a tranquillidade da patria os cidadãos, e fazer-lhe observar os dogmas de huma moral pura, e applica-çoes que dimanão da observancia das virtudes moraes, e sociais que lhe tudo mais a DIGNIDADE, o TRONO, como sustentacão, e monumento da sua Grandeza, e prosperidade Nacional: por em não quer pelo amor de farsca, perder o mais caro e o mais precioso attributo da sua vida moral.

Compare-se a morada dos genios dos Brasileiros pelo decurso de mais de 3 Séculos da sua dependencia, com o vigor igneo do espirito que manifestação a e a amor á esta parte, e achá-se ha a evidencia de huma grande somma de luzes, adquiridas pela combinaçãe de

das experiencias, e desenvolvimento de suas ideas; o que em outro tempo só é o apanagio exclusivo de huma Sociedade de *Litteratos* que moravão para lá do Atlantico, e fazião das Sciencias hum alto monopolio, vendendo os conhecimentos da instrucção publica, como os Secretarios de Zoroastre vendião os misterios na Caverna de *Mitra*. Naquelle tempo as Sciencias praticas, e especulativas, erão hum ramo de commercio privativo dos Europeos, que só negociavão com os Brasileiros opulentos, os quaes com despendios numerosos hião alem do Oceano; e cujas irudições se lhe vendião, por meio de doutrinas complicadas, e obscuras; regras intrucadas, e cheia de tortuosidades; de sorte que em lugar de lhes illuminarem o entendimento, mais ino enebião de trevas, e lhes fazião perder a primavera de seus annos, no penoso trabalho de investigações infructuosas; porque só pôdo alcançar hum falso conhecimento das sciencias verdadeiras, que seus cavillosos Professores lhes viciavão para sustentarem eternamente o Brasil no cahos da ignorancia, e redobrar em-lhe os laços da dependencia. Mas se naquelle tempo já existisse o amor da farsca, ainda hoje os Brasileiros estarião bebendo as lições da mais especiõsa impostura. Ah! e sem a liberdade de Imprensa quantos Séculos serião necessarios para o Brasil fazer os progressos de litteratura, que tem em hum curto periodo a sua liberdade? A liberdade he hum alimento moral, e sem ella todo o Gênero humano, não seria mais do que huma massa de brutos dispersos na superficie da terra; por em esta immundidade de brutos, sem o amor de farsca será huma Sociedade de Homens Illustrados. *Mais vite* (diz a voz aos Romanos) *souffrir os exedra nes da libertad do que as doçuras da escravidão.*

de
servi

Brasil

O Augusto Poder do Monarcha o
 pende da reunião dos interesses de tod
 os seus Subditos, e a felicidade de tod
 o Estado depende dos principios de Jus
 tiza sobre os quaes sempre deve girar
 a roda dos negocios publicos, e quando
 esta por indolencia, ou corrupção de
 seus administradores, cabe fóra do seu
 eixo só as disposições do Poder Sobera
 no, a fazem reentrar na sua baze, para
 seguir a regularidade de seu antigo mo
 vimento. Mas para a verdade subir a
 degráos do THRONO, afim do MONAR
 CHA dar remedio aos males, he preci
 so ser impellida pela Imprensa, como
 unico Orgão de a fazer soar com harmo
 nia, e pureza; e para tocar este instru
 mento he preciso a *liberdade*; porem
 aonde existir o *amor da faisca*, he es
 cusado haver tal instrumento.

A verdade ãe huma das virtudes so
 ciales da maior utilidade, para se conhe
 cerem os objectos interessantes, ou no
 civos á Communidade dos Seres associa
 dos; porem seria inutil, se a *liberdade*
 não fizesse resoar o éco da sua doce voz.
 Esta virtude tambem tem huma deriva
 çao immediata dos principios de Justiça,
 que servem, ou devem servir de funda
 mento a todas as condições de hum
 Pacto, pelo qual todos os membros são
 obrigados a trabalharem para a sua con
 servação commum, e a prestarem mutua
 mente os sóccorros fizicos, e moraes, que
 sirvão de fortificação a baze de suas insti
 tuições, e a Magestade do seu Edificio.
 A moral, he a origem e May commum
 de todas as mais virtudes, que designa
 das debaixo de diversos nomes, são o
 espirito conservador de todas as Socie
 dades illustrada. Sem moral, não po
 dem haver Sociedades felizes, e perman
 entes; porem sem o *amor da faisca*, to
 das as Sociedades podem ser permanen
 tes, e felizes. A verdade (como dizia
 Pindaro) he hum verdadeiro bem de hum
 Estado, e o fundamento da virtude
 mais sublime; porem esta virtude sem
 liberdade, seria hum ser abstracto; e
 com o *amor da faisca*, seria hum turbi
 lhão de extravagancias.

Ora quaes serão pois os pred' ados

fundamentaes que sã!
 para pod' rem aprecea a *liberdade*
 Imprensa. Serão as noçoens p
 da cultura das Sciencias? Não
 era melhor que o *Auctor* os illu
 com o clarão da sua *luz*; sem os de
 sapossa desse direito, e com isto daria
 d'onstrações de sentimento e filantro
 pia, e mereceria tantas homenagens d
 estingu publicas, como merece de execera
 ção. A este respeito parece-me acer
 tado descer ver aqui luma Cançoneta,
 a qual agora mesmo saltio do cubo das
Musas, que não obstante ser verso de
 unha de gato, (*) não deixa de ter su
 chiste poético, e relação com o objecto
 da materia.

Do gran-Sultão J. Mourisca,
 Nada fóra a tyrania,
 Se lá elle passe a mania,
 Do tal amor da faisca."

Terminarei pois o meu trabalho, mos
 trando que a liberdade da Imprensa, e
 conveniente a todos os povos que se que
 rem illustrar; e que tendo os Brasileiros,
 como têm hum SOBERANO para lhes
 sustentar o equilibrio de todos os direi
 tos são dignos de a gozarem, porque têm
 huma construcção organica igual á dos
 povos dos Paizes livres, e por isso são
 merecedores das mesmas prerogativas,
 e susceptiveis de huma igual, ou maior
 Somma de vantagens. Ella só he temi
 vel áquelles que se apartão do recto ca
 minho da virtude, para se depreharem
 nos sinuosos Abismos do vicio.

Continuar-se-ha

VENDAS

Quem quizer comprar luma venda de
 machados na Rua dos Pecados Mortaes
 N. 24, derija-se á mesma Rua a tratar
 com seu dono.

(*) Chamei-lhe verso de unha de gato
 por causa do acido do seu conteúdo,
 e composição do seu metro.

 PORTO ALEGRE NA TYPOGRAPHIA RIO-GRANDENSE

